A Pedagogia da Repetência ao Longo das Décadas [1,2]

Ruben Klein [3] e Sérgio Costa Ribeiro [4]
LNCC / CNPq

Resumo

Neste artigo resgatamos o trabalho de M. A. Teixeira de Freitas, primeiro Coordenador da SEEC e um dos fundadores do IBGE sobre o fluxo escolar realizado na década de 40 e comparamos seus resultados com nossos resultados sobre a década de 80. Mostramos que neste período houve um grande progresso em termos de acesso da população à escola e em termos de número de séries frequentadas. No entanto, as altas taxas de repetência registradas por Teixeira de Freitas persistem no sistema escolar evidenciando o problema da pedagogia da repetência.

Ruben Klein

Doutor em Matemática - Massachusetts Institute of Thechnology, EUA; Pesquisador do LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica).

Em meados da década de 80, os Drs. Philip Fletcher e Sérgio Costa Ribeiro desenvolveram o modelo PROFLUXO *(Fletcher & Ribeiro, 1988)*, que utiliza dados das PNADs do IBGE, e mostraram que os indicadores de fluxo escolar estavam errados.

Mais recentemente, em 1991, a convite do próprio MEC, através do SEEC (Coordenadoria do Sistema Estatístico de Educação), mostramos que o erro dos indicadores educacionais, obtidos a partir dos Censos Educacionais (em todas as séries), é devido a um erro conceitual na definição de "repetente". Repetente, segundo o Censo Educacional, era somente o aluno que se matriculava novamente na mesma série por ter sido reprovado por motivo de avaliação ou freqüência. Na realidade, repetente é qualquer aluno que se matricula novamente na mesma série, não importando se no ano anterior foi reprovado, afastado por abandono durante o ano letivo, ou mesmo considerado aprovado *(Klein & Ribeiro, 1991)*. Desenvolvemos também metodologia para cor-

---

(1) Uma versão preliminar foi apresentada no Workshop "O Planejamento Estratégico da Educação - Diagnóstico e Recomendações", Fundação Cesgranrio, Rio de Janeiro, RJ, 17 de junho de 1994.

(2) Pesquisa parcialmente financiada pela Fundação Ford no Projeto "Indicadores de Fluxo Escolar e Estudos sobre o Mecanismo da Repetência".

(3) Pesquisador do LNCC e Consultor da Fundação CESGRANRIO.

(4) In Memoriam.

rigir estes indicadores a partir dos dados dos censos educacionais.

Somente em junho de 1993, a SEEC conseguiu promover o IX Encontro Nacional de Dirigentes dos Órgãos do Sistema Estatístico da Educação, com representantes de todas as Secretarias Estaduais de Educação, no qual foi aprovada a mudança e correção do Censo Educacional para o ano de 1994. O Censo Educacional é realizado desde 1932, mas o de 1994 será o primeiro a ter a definição correta de repetente.

Como o conceito errado de repetente é o conceito vigente no sistema educacional, não sabemos se as respostas ao Censo de 1994 vieram corretas. Provavelmente houve problemas. É necessário que seja feita uma análise cuidadosa dos resultados. Cremos que haverá necessidade de mais esclarecimentos e de treinamento de pessoal responsável, assim como da introdução de novas fichas de matrícula nas escolas. O CONSED (Conselho dos Secretários Estaduais de Educação), em 1993, já aprovou um modelo de ficha de matrícula, proposto por nós, que contém as informações mínimas necessárias para o correto preenchimento do novo questionário do Censo Educacional e que permitirá a análise correta de fluxos escolares desagregados.

A situação da educação no país poderia ser outra se os estudos de *M. A. Teixeira de Freitas*, primeiro coordenador da SEEC e um dos fundadores do IBGE, tivessem sido aceitos pelos educadores e políticos da época. Teixeira de Freitas (1940a, 1940b, 1947) já tinha detectado o problema da repetência na década de 40, utilizando os primeiros dados dos censos educacionais de 1932 a 1941. Ele já tinha concluído que o grande problema da educação no Brasil era a qualidade da educação e não a falta de escolas. Chegou a escrever *(Teixeira de Freitas, 1947)* que o censo educacional seria corrigido. No entanto, ele foi demitido e a correção não foi feita. O Brasil perdeu, há cerca de 50 anos, uma grande oportunidade de promover uma educação de qualidade para todos. Será que desta vez vai?

O que mudou no sistema educacional desde então?

Segundo *Teixeira de Freitas (1947)*, para um ensino fundamental de 3 anos, cerca de 65% de uma coorte tinham acesso à 1ª série da escola. Teixeira de Freitas nos fornece ainda dados sobre uma 4ª e 5ª série cuja matrícula, especialmente na 5ª série, é muito reduzida.

Aplicando o modelo de fluxo com as correções de Teixeira de Freitas sobre o número de repetentes, novos e aprovados, podemos ver nas tabelas 1 e 5 que a taxa de repetência na 1ª série era de cerca de 60% e a de evasão de 13%.

A tabela 6 nos mostra que a taxa de não-aprovação (soma da taxa de repetentes não-aprovados com a taxa de evadidos não-aprovados) é muita alta em todas as séries, e especialmente constante na 1ª série. Cremos que Teixeira de Freitas, em sua correção, já incluiu os repentes aprovados entre os repetentes e, por conseguinte, o número de aprovados não inclui os alunos "aprovados" que vão repetir a série, fenômeno ocorrente principalmente onde há subseriação de 1ª série.

Cremos que há um pequeno problema com os números de Teixeira de Freitas na 1ª série, pois não faz sentido para nós a queda na taxa de repetência e a subida da taxa de evasão de não-aprovados (tabela 4) nesta série. Vemos que o mesmo não ocorre nas demais séries.

Vemos na tabela 3 que as taxas de evasão de aprovados são razoavelmente constantes em todas as séries, crescendo na 3ª e especialmente na 4ª série, devido à 4ª e 5ª séries não serem "obrigatórias" e, por conseguinte, terem matrículas pequenas, especialmente a última. Os alunos aprovados na 3ª e na 4ª série já se consideravam "graduados" no ensino fundamental.

A taxa de aprovação é igual à soma das taxas de promoção e de evasão de aprovados ou, equivalentemente, é igual a 1.0 menos a taxa de não-aprovação. Na tabela 2, damos as taxas de promoção. Vemos que são muito baixas nas 3ª e 4ª série devido à grande "evasão de aprovados".

Pode-se mostrar ainda que 40% dos alunos que entravam na escola concluíam a 3ª série levando em média quase 6 anos. Um aluno permanecia, em média, 4 anos na escola, um ano a mais que o necessário para concluir 3 séries.

Em 1990, para um ensino fundamental de 8 anos, cerca de 95% de uma coorte tinham acesso à 1ª série da escola e 77% de uma coorte concluíam a 4ª série. Além disso, 35% se graduavam no 1º grau levando, em média, 11,5 anos na escola. Um aluno permanecia, em média, 8,5 anos na escola. Mais uns 8% de uma coorte concluíam o 1º grau através do ensino supletivo. Além disso, 26% de uma coorte terminavam o 2º grau (incluindo o supletivo) e 13% tinham acesso ao 1º grau.

Nas tabelas de 7 a 12 damos as taxas de transição corrigidas por nós e as taxas de não-aprovação, baseadas nos dados dos Censos Educacionais do MEC. Podemos ver que a taxa de repetência na 1ª série decresceu de cerca de 57% para 45%, enquanto a taxa de evasão manteve-se constante em cerca de 2%. Alguns dos motivos para isso foram a introdução da Classe de Alfabetização (CA) em alguns estados, substituindo a subseriação na primeira série, e a introdução do Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), em alguns outros estados, com a promoção automática da 1ª para a 2ª série. Vemos também que a introdução do CBA levou a um aumento das taxas de repetência na 2ª série.

Outra diferença importante entre a década de 30 e a década de 80 é que o Brasil passou da situação de 25% urbano e 75% rural para a situação de 75% urbano e 25% rural. Esta crescente urbanização, certamente, fez baixar um pouco as taxas de não-aprovação e de repetência em todas as séries. No entanto elas ainda continuam extremamente altas.

A taxa de não-aprovação (tabela 12), na 1ª série, é menor que a taxa de repetência corrigida (tabela 7), pois os repetentes aprovados não estão incluídos entre os não-aprovados, mas estão entre os repetentes corrigidos.

Podemos ver que as taxas de não-aprovação e as de repetência corrigidas são muito elevadas. Elas caem da 1ª à 4ª série, sobem de novo na 5ª série (começo do antigo Ginásio) e tornam a cair até a 8ª série.

Observa-se uma tendência declinante nas taxas de evasão, e o que é muito importante, especialmente na 4ª série, indicando um maior acesso à 5ª série. Em contrapartida, observa-se um aumento das taxas de não-aprovação e de repetência na 5ª série.

Pode-se ver que, concomitantemente ao aumento do número de matrículas iniciais no 1º grau na década de 80, houve um aumento da proporção de repetentes nesta matrícula inicial na maioria das séries, indicando que boa parte das matrículas novas criadas foram ocupadas por repetentes.

Obviamente, o aumento do número de séries do ensino compulsório foi acompanhado pelas famílias no número de anos freqüentados por seus filhos, evidenciando a consciência da importância da educação como meio legítimo de ascensão social.

Tudo isso indica que o grande problema da educação foi e continua sendo a qualidade de ensino e a pedagogia da repetência *(Ribeiro, 1991).*

É necessário que o Sistema Educacional tome consciência da gravidade do problema desta pedagogia e da conseqüente taxa de não-aprovação, tão constante ao longo das décadas, discuta e procure soluções.

TAXAS DE REPETÊNCIA, PROMOÇÃO, EVASÃO E NÃO-APROVAÇÃO NO ENSINO DE 1º GRAU NO BRASIL, 1932-1940

Tabela 1 - Taxa de repetência, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5
1932	66.7	37.8	33.5	24.7	14.6
1933	64.4	37.5	38.2	32.0	38.3
1934	60.0	39.1	38.7	30.0	27.5
1935	66.0	39.4	39.0	35.0	34.6
1936	59.8	36.0	39.3	35.7	38.4
1937	61.2	37.5	38.0	34.5	37.1
1938	62.6	36.8	36.2	32.7	34.3
1939	59.5	36.5	35.7	29.8	29.0
1940	57.6	35.7	34.8	28.9	27.3

Tabela 2 Taxa de promoção, em percentagem. Obs. Na quinta série, esta taxa significa a taxa de aprovação.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5
1932	23.9	38.0	34.4	14.33	70.8
1933	23.2	42.6	39.3	16.17	60.9
1934	25.4	47.7	36.4	12.11	62.6
1935	23.8	38.3	30.7	9.71	57.4
1936	25.6	43.6	33.7	10.79	55.0
1937	27.3	46.4	36.5	11.37	59.0
1938	25.2	40.0	35.1	14.83	63.3
1939	26.4	44.1	38.4	14.73	63.8
1940	25.6	44.0	39.2	14.93	65.8

Tabela 3 - Taxa de evasão de aprovados, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5
1932	8.17	13.23	23.2	52.0	0
1933	8.90	6.96	18.0	49.8	0
1934	5.33	5.01	21.1	52.7	0
1935	7.44	9.81	20.7	48.5	0
1936	9.39	7.64	20.5	49.8	0
1937	6.78	6.83	20.6	51.4	0
1938	9.22	10.43	19.0	48.7	0
1939	8.15	8.80	19.2	51.2	0
1940	8.40	8.71	19.6	52.0	0

Tabela 4 - Taxa de evasão de não-aprovados, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5
1932	1.20	10.93	8.91	9.01	14.585
1933	3.50	12.87	4.47	2.10	0.843
1934	9.32	8.15	3.87	5.09	9.929
1935	2.74	12.50	9.71	6.80	8.041
1936	5.15	12.80	6.53	3.71	6.609
1937	4.72	9.26	5.02	2.70	3.949
1938	3.06	12.81	9.71	3.78	2.396
1939	5.94	10.69	6.60	4.30	7.267
1940	8.41	11.58	6.47	4.12	6.898

Tabela 5 - Taxa de evasão total, em percentagem

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5
1932	9.36	24.2	32.1	61.0	14.585
1933	12.40	19.8	22.4	51.9	0.843
1934	14.66	13.2	24.9	57.8	9.929
1935	10.19	22.3	30.4	55.3	8.041
1936	14.54	20.4	27.0	53.5	6.609
1937	11.50	16.1	25.6	54.1	3.949
1938	12.28	23.2	28.7	52.5	2.396
1939	14.09	19.5	25.8	55.5	7.267
1940	16.81	20.3	26.1	56.1	6.898

Tabela 6 - Taxa de não-aprovação, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5
1932	67.9	48.8	42.4	33.7	29.2
1933	67.9	50.4	42.7	34.1	39.1
1934	69.3	47.3	42.5	35.1	37.4
1935	68.7	51.9	48.7	41.8	42.6
1936	65.0	48.8	45.8	39.4	45.0
1937	65.9	46.7	43.0	37.2	41.0
1938	65.6	49.6	45.9	36.4	36.7
1939	65.4	47.1	42.3	34.1	36.2
1940	66.0	47.3	41.3	33.0	34.2
1941	65.5	45.8	40.9	33.0	35.5

FONTE: DADOS PRIMÁRIOS DOS CENSOS EDUCACIONAIS DO MEC/CPS/SEEC. CORREÇÕES DE M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, RBEs, 1947.A

TAXAS DE REPETÊNCIA, PROMOÇÃO, EVASÃO E NÃO-APROVAÇÃO NO ENSINO DE 1º GRAU NO BRASIL, 1981-1990

Tabela 7 - Taxa de repetência corrigida, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5	série 6	série 7	série 8
1981	57.1	28.2	22.3	18.5	34.5	29.9	27.1	20.5
1982	59.4	30.3	23.8	20.3	36.5	31.8	28.8	22.8
1983	57.8	31.0	24.7	21.2	37.5	32.5	29.6	23.3
1984	55.5	31.9	24.7	21.8	39.1	33.5	29.6	22.4
1985	51.2	33.8	25.1	22.6	39.8	33.1	28.5	21.4
1986	50.8	36.2	26.7	23.4	40.5	34.4	30.3	22.7
1987	49.3	36.4	26.8	23.1	40.4	33.8	29.8	22.6
1988	50.5	36.2	27.4	24.1	40.7	33.2	28.9	22.1
1989	47.9	34.6	26.6	23.3	40.9	33.6	29.1	22.4
1990	44.7	33.7	26.0	23.3	41.3	34.1	29.8	23.3

Tabela 8 - Taxa de promoção corrigida, em percentagem.
Obs: na oitava série, esta taxa significa a taxa de aprovação.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5	série 6	série 7	série 8
1981	40.9	65.9	69.7	70.6	56.0	61.8	66.4	77.0
1982	38.6	63.1	67.2	66.4	52.4	59.6	64.9	75.0
1983	40.2	62.5	66.1	65.9	51.3	56.7	60.2	72.4
1984	42.5	61.4	65.8	64.1	48.8	55.7	61.5	74.1
1985	46.8	60.0	66.0	66.2	50.5	57.3	63.5	75.5
1986	47.2	57.5	64.6	63.8	47.8	54.0	60.1	73.6
1987	48.7	57.7	65.2	66.1	50.0	57.2	63.5	75.0
1988	47.5	57.8	64.8	66.1	50.6	57.9	63.9	75.2
1989	50.1	59.9	66.9	68.3	51.3	58.5	64.7	75.3
1990	53.3	61.0	67.4	68.0	50.7	57.9	63.6	74.1

Tabela 9 - Taxa de evasão de aprovados corrigida, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5	série 6	série 7	série 8
1981	1	4.40	4.38	7.34	4.40	4.28	2.98	0
1982	1	5.07	4.75	9.42	4.72	4.26	2.65	0
1983	1	4.99	5.03	8.87	5.25	6.01	5.14	0
1984	1	5.23	5.06	9.95	5.57	5.68	3.99	0
1985	1	4.70	4.71	7.33	4.90	5.05	3.66	0
1986	1	4.79	4.48	9.10	5.83	6.07	4.38	0
1987	1	4.42	4.11	7.45	4.70	4.52	2.70	0
1988	1	4.52	3.81	6.62	4.41	4.71	3.09	0
1989	1	4.05	3.09	5.85	4.15	4.03	2.66	0
1990	1	3.83	3.34	6.02	4.14	4.07	2.97	0

Tabela 10 - Taxa de evasão de não-aprovados corrigida, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5	série 6	série 7	série 8
1981	1	1.5	3.64	3.60	5.11	3.99	3.53	2.48
1982	1	1.5	4.21	3.89	6.32	4.37	3.60	2.21
1983	1	1.5	4.15	4.10	5.93	4.81	5.08	4.31
1984	1	1.5	4.46	4.15	6.55	5.12	4.87	3.43
1985	1	1.5	4.18	3.88	4.84	4.58	4.31	3.13
1986	1	1.5	4.21	3.73	5.95	5.52	5.29	3.71
1987	1	1.5	3.87	3.37	4.92	4.49	3.98	2.33
1988	1	1.5	3.97	3.11	4.27	4.23	4.15	2.68
1989	1	1.5	3.50	2.52	3.72	3.93	3.57	2.31
1990	1	1.5	3.26	2.70	3.80	3.91	3.59	2.58

Tabela 11 - Taxa de evasão total corrigida, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5	série 6	série 7	série 8
1981	2	5.90	8.02	10.93	9.51	8.27	6.52	2.48
1982	2	6.57	8.96	13.31	11.04	8.62	6.25	2.21
1983	2	6.49	9.17	12.97	11.18	10.81	10.22	4.31
1984	2	6.73	9.52	14.09	12.12	10.80	8.85	3.43
1985	2	6.20	8.89	11.21	9.73	9.63	7.98	3.13
1986	2	6.29	8.70	12.83	11.78	11.59	9.66	3.71
1987	2	5.92	7.98	10.82	9.62	9.00	6.69	2.33
1988	2	6.02	7.78	9.73	8.68	8.94	7.24	2.68
1989	2	5.55	6.58	8.37	7.87	7.95	6.22	2.31
1990	2	5.33	6.61	8.72	7.94	7.98	6.56	2.58

Tabela 12 - Taxa de não-aprovação, em percentagem.

	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5	série 6	série 7	série 8
1981	41.4	29.7	26.0	22.1	39.6	33.9	30.6	23.0
1982	44.2	31.8	28.0	24.2	42.9	36.1	32.4	25.0
1983	45.1	32.5	28.9	25.3	43.5	37.3	34.7	27.6
1984	42.8	33.4	29.2	26.0	45.7	38.6	34.5	25.9
1985	40.9	35.3	29.3	26.5	44.6	37.6	32.8	24.5
1986	40.3	37.7	30.9	27.1	46.4	39.9	35.6	26.4
1987	39.8	37.9	30.7	26.4	45.3	38.3	33.8	25.0
1988	41.2	37.7	31.4	27.2	45.0	37.4	33.0	24.8
1989	41.0	36.1	30.1	25.8	44.6	37.5	32.7	24.7
1990	39.3	35.2	29.2	26.0	45.1	38.0	33.4	25.9

FONTE: DADOS PRIMÁRIOS DOS CENSOS EDUCACIONAIS DO MEC/CPS/SEEC. CORREÇÕES DE CONSISTÊNCIA FEITAS POR NÓS.

ABSTRACT

In this paper we recover the work of M. A. Teixeira de Freitas, first Director of SEEC (Statistical Office of the Ministry of Education) and one of the founders of IBGE (Brazilian Statistical Office) on student flow done in the 40's and compare his results with our results in the 80's. We show that in this period there was a great progress in term of the acess of the population to school and in terms of number of attended grades. However, the high school system showing evidence of the pedagogy of repetition.

Referências Bibliográficas

FLETCHER, Philip R., RIBEIRO, Sérgio Costa. *Projeto Fluxo dos alunos de primeiro grau:* Profluxo. [s. l.: s. n.] Versão preliminar. Mimeorafado. 1988.

TEIXEIRA DE FREITAS, Mario Augusto. Dispersão demográfica e escolaridade. *Revista Brasileira de Estatística,* Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 497-527, jul./set. 1940a.

_____. A evasão escolar no ensino primário brasileiro. *Revista Brasileira de Estatística,* Rio de Janeiro, v.1, n.4, p. 697-722, out./dez. 1940b.

_____. A escolaridade média no ensino primário brasileiro. *Revista Brasileira de Estatística,* Rio de Janeiro, v. 8, n. 30/31, p. 395-474, abr./set. 1947.

_____. A escolaridade média no ensino primário brasileiro. *Revista Brasileira de Estatística,* Rio de Janeiro, v. 50, n. 194, p. 73-152, jul./dez. 1989. Edição especial. Comentários de Sérgio Costa Ribeiro. p. 153-60.

KLEIN, Ruben, RIBEIRO, Sérgio Costa. O censo educacional e o modelo de fluxo: o problema da repetência. *Revista Brasileira de Estatística,* Rio de Janeiro, v. 52, n. 197/198, p. 05-45, jan./dez., 1991.

___ . ___. *A pedagogia ao longo das décadas.* Rio de Janeiro: CESGRANRIO, 1994. Versão preliminar apresentada no workshop O Planejamento estratégico da educação: diagnóstico e recomendações, Rio de Janeiro, 1994.

RIBEIRO, Sérgio Costa. A pedagogia da repetência. *Estudos Avançados,* São Paulo, v. 5, n. 12, p. 07-21, 1991.